

## Uma Escala de Atitudes Frente a Relações Afetivas Estáveis<sup>1</sup>

Brendali F. dos Reis

**RESUMO** – Este artigo relata a construção de uma escala destinada a medir atitude frente a relações afetivas estáveis (RAE) que constituiu parte de um estudo mais abrangente onde, dentro da temática genérica das consequências da liberação dos costumes sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais, foi verificada a influência de sexo e gênero nas atitudes frente a este tipo de relacionamento íntimo. A confecção da escala seguiu os seguintes passos: (a) entrevistas com adolescentes e adultos jovens destinadas a coletar subsídios para criação dos itens; (b) aplicação dos itens construídos a 100 estudantes universitários solicitando-lhes que indicassem a importância de cada item para uma RAE; (c) manutenção dos itens sobre os quais se verificou 80% de concordância acerca de sua importância; (d) pré-teste com 111 estudantes universitários; (e) retenção dos itens de maior poder discriminantê e estagem com uma amostra de 257 estudantes universitários. Posteriormente, a escala foi traduzida para o inglês e testada com uma amostra de 167 alunos da Universidade da Califórnia, Los Angeles. Tanto com a amostra brasileira quanto com a amostra americana, o instrumento mostrou alta fidedignidade ( $\alpha = 0,91$ ;  $\alpha = 0,89$ ). Os três critérios de validação utilizados (validade fatorial, validade de construto e validade simultânea com a Love Attitudes Scale, de Hendrick e Hendrick, 1986) confirmaram a validade da escala RAE. O artigo conclui com indicações sobre a utilidade da escala em pesquisa sobre relacionamentos íntimos e no próprio campo da prática clínica.

Palavras-chave: amor, relação afetiva estável, escala de atitude.

### A Scale to Measure Attitude Toward Stable Affective Relationships

**ABSTRACT** - This article reports the construction of a scale designed to measure attitude toward stable affective relationships (SAR). The scale construction was part of a broader study where, within the generic subject of consequences of the liberation of mores on heterosexual love relationships, the influence of sex and gender on the attitude toward this type of intimate relationship was explored. The following steps were utilized: (a) interview with adolescents and young adults in order to collect material for the construction of the items; (b) application of the items constructed to 100 college students who were asked to indicate the importance of each item to a SAR; (c) maintenance of the items in which at least 80% of the sample agreed that they were important; (d) pre-test with 111 college students; (e) maintenance of the items of greater discriminant power and final testing with a 257 college students sample. The scale was translated into English and tested with a sample of 167 college students from the University of California, Los Angeles. With both, the Brazilian and the American samples, the instrument showed high reliability ( $\alpha = 0,91$ ;  $\alpha = 0,89$ ). The three validation criteria used (factorial validity, construct validity, and concurrent validity with the Love Attitudes Scale by Hendrick & Hendrick, 1986) confirmed the validity of the SAR Scale. The article concludes with indications about the utility of the scale for research on close relationships and even for clinical practice.

Key words: love, stable affective relationship, attitude scale.

Este artigo relata a construção de uma escala destinada a medir atitude frente a relações afetivas estáveis. Este trabalho foi parte integrante de um projeto mais abrangente onde, dentro da temática genérica das consequências da liberação dos costumes sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais, foi verificada uma influência de sexo e gênero nas atitudes frente a este tipo de relacionamento (Bystronski, 1991).

Diante das transformações sociais geradas pela liberação dos costumes, pelo movimento de emancipação feminina e

pela revolução sexual, verificou-se forte reestruturação dos papéis sexuais, com ampla repercussão nos relacionamentos amorosos. O estudo acima citado testou a hipótese de que adolescentes e adultos jovens do sexo masculino apresentam uma atitude menos favorável a engajar-se em relações afetivas estáveis do que seus coortes do sexo feminino. Uma segunda hipótese submetida a teste empírico foi a de que, dentre os indivíduos do sexo masculino, aqueles sexualmente indiferenciados apresentam atitude menos favorável a relações afetivas estáveis do que os tipificados, que, por sua vez, apresentam atitude menos favorável do que os classificados como andrógenos. Face à inexistência de uma escala especificamente destinada a medir atitude frente a relações afetivas estáveis, o primeiro passo daquele estudo consistiu em construir uma escala para este fim.

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da dissertação de Mestrado da autora, desenvolvida no Programa de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Professor Cláudio Hutz. A autora agradece ao CNPq e à CAPES pela concessão das bolsas que possibilitaram a realização deste trabalho.

<sup>2</sup> Endereço: 6605 N. Brooks Ave., Fresno CA, 93711 USA.

Para o teste de validade da escala, quando da verificação de validade simultânea, optou-se por correlacionar a escala em construção com a Love Attitudes Scale desenvolvida por Hendrick e Hendrick (1986), a qual tem como substrato teórico a taxonomia de amor de Lee (1973). A opção por este referencial teórico, entre todos os existentes no campo da investigação científica do amor, deveu-se a essencialmente dois motivos: (a) a tipologia de Lee sobre o amor não dissocia o fator comprometimento, também considerado por nós um fenômeno importante na definição do que seja uma relação afetiva estável; (b) julgamos ser a classificação deste autor a mais rica teoricamente, tanto em função de sua multidimensionalidade quanto pelo fato de que ela acaba englobando todas as formas de amor já propostas ou identificadas pelas mais variadas teorias e/ou classificações do amor. Em seu longo e metucioso estudo, Lee logrou identificar e caracterizar seis principais estilos de amor, a saber: o amor erótico, o amor lúdico, o amor estórgico, o amor pragmático, o amor maníaco e o amor agápico (para uma descrição minuciosa destas formas de amor, ver Lee, 1973, 1974, 1977, 1988; ou Bystronski, 1991). Dentre estes estilos de amor, existe um que se caracteriza por ser o oposto do que consideramos ser uma relação afetiva estável. Este é o amor lúdico. Nesta forma de amor,

o amante possui um estilo, como o próprio nome diz, lúdico (playful). Enquanto consciente das diferenças entre os corpos, ele considera sem sentido que as chances de uma pessoa sejam restringidas pela especialização em um só tipo. A expectativa a respeito do amor é de que ele seja prazeroso e não comprometedor, durando tanto quanto as partes curtam a relação, não mais do que isso. O lúdico é um errante, ou um colecionador de experiências de amor que serão lembradas com prazer. São amantes pluralísticos (uma palavra menos carregada que promíscuos), e o grau de envolvimento é cuidadosamente controlado. Eles sabem que há muitos peixes no oceano, motivo pelo qual ciúme é para eles algo sem sentido e deplorável. Este estilo de amor pode ser praticado - ou jogado - como um jogo aberto, com a explicitação clara das regras, ou seja, de que outros eventualmente estarão envolvidos. As relações são normalmente de vida curta. Típicos lúdicos não desejam se comprometer (ainda não estou pronto para me acomodar). Eles acham a variedade de tipos físicos igualmente atraentes e podem mudar de um para outro facilmente. Sentem-se como se nada houvesse após um rompimento, pois certamente não se apaixonam. Há relutância em planejar atividades para o futuro na medida em que isso levante questões a respeito da presença do parceiro. Amantes lúdicos evitam ver o parceiro muito frequentemente, como uma forma de impedir que este se envolva demais. Parceiros ciumentos são evitados na medida em que estragam a diversão do amor. Não vêem contradição em amar várias pessoas igualmente ou ao mesmo tempo. Para eles, sexo é distração, não expressão de comprometimento, e o amor não é a atividade mais importante de suas vidas (Bystronski, 1991, p. 79).

Nas seções que se seguem, são apresentados o método seguido para a confecção do instrumento, bem como os dados psicométricos obtidos. O Anexo reproduz as instruções e os itens integrantes da Escala para Medir Atitude Frente a

Relações Afetivas Estáveis, de agora em diante referida como Escala RAE.

## Método

### Sujeitos

Fizeram parte da primeira testagem da escala 111 estudantes matriculados nas disciplinas de EPB I e EPB II na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que se situavam na faixa etária de 17 a 30 anos. Após algumas modificações, a escala definitiva foi aplicada a 72 jovens universitários nas mesmas condições anteriores e, ainda, a uma outra amostra de 257 sujeitos, também extraída das turmas de EPB da UFRGS. Posteriormente, a escala foi utilizada com 167 estudantes da Universidade da Califórnia, Los Angeles, matriculados em disciplinas oferecidas pelo departamento de psicologia.

### Procedimento

#### Entrevistas abertas

O primeiro passo para a construção da Escala RAE foi a realização de entrevistas abertas com 20 adolescentes e adultos jovens de ambos os sexos a fim de verificar como eles definiam o construto relação afetiva estável.

#### Versão preliminar do instrumento

Com os elementos colhidos nestas entrevistas, foram construídos 52 itens num formato tipo Likert. Esta versão preliminar da escala foi submetida a teste com 100 adolescentes e adultos jovens com idades entre 17 e 30 anos matriculados nas disciplinas de EPB I ou II da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino. O objetivo desta fase foi verificar o consenso existente no que se refere à importância de cada um dos 52 itens apresentados para uma relação afetiva estável. As respostas foram dadas numa escala de 7 pontos, onde o valor 1 indicava extremamente sem importância e o valor 7, extremamente importante.

Os dados obtidos foram analisados em termos da frequência de respostas acima do ponto médio da escala, no sentido positivo de importância. Em outras palavras, foi calculada a porcentagem de pessoas que, em relação a cada item, assinalaram 5, 6 ou 7 na escala de importância do mesmo para uma relação afetiva estável. Foram mantidos os itens nos quais pelo menos 80% das pessoas assinalaram um destes três pontos na escala de importância.

#### Primeira versão da escala pré-teste

De acordo com esse critério, foram retidos 34 itens, que constituíram a escala a ser testada.

Esta escala de 34 itens foi aplicada a uma amostra de 111 pessoas, matriculadas nas disciplinas de EPB I ou II da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, excluídas as

peessoas com menos de 17 ou com mais de 30 anos. Os índices psicométricos de validade e fidedignidade obtidos nesta versão inicial revelaram-se satisfatórios. Assim, a mesma escala de 34 itens foi aplicada a outros 72 universitários nas mesmas condições dos primeiros. Nesta aplicação, todavia, modificaram-se as instruções e as alternativas de respostas. A escala tipo Likert foi reduzida de 7 para 5 pontos, e a solicitação era de que os sujeitos indicassem a dispensabilidade do item, no contexto das relações em que se encontravam envolvidos ou estavam dispostos a envolver-se no momento; os sujeitos deveriam marcar 1 para absolutamente dispensável e 5 para absolutamente indispensável. Tais mudanças foram ensejadas por observações feitas na testagem anterior.

#### Versão final da escala teste

Com base nos dados alcançados nestes dois pré-testes, foi decidido-se:

- a. manter 30 dos 34 itens testados (foram excluídos itens cuja correlação item/total foi menor do que 0,20);
- b. manter a escala de 5 pontos;
- c. alterar as instruções acrescentando aspectos que foram salientados oralmente com a amostra de 72 pessoas e o adjetivo dispensável, ao invés de desejável.

Traduzida para o inglês, a escala RAE foi aplicada a 169 alunos de graduação americanos.

#### Resultados

##### Dados Preliminares

##### Fidedignidade

A primeira versão da Escala RAE constava de 34 itens, com sete alternativas de respostas que iam, como se viu no procedimento, de 1 extremamente indesejável a 7 extremamente desejável.

Os dados obtidos com a amostra de 111 universitários foram analisados através do Programa Reliability do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). As correlações item/total da escala foram positivas, evidenciando boa consistência interna entre os itens. A menor correlação foi 0,29 e a maior, 0,79. O coeficiente alpha de Cronbach foi de 0,91.

##### Validade

A fim de verificar o poder discriminante da escala, o que nos forneceria uma validação de construto da mesma, foram acrescentadas, ao fim dos 34 itens, as seguintes perguntas:

- a. Você tem namorado(a) ?
- b. Em caso positivo, há quanto tempo?
- c. Você tem expectativa de casar-se algum dia? (Qualquer tipo de casamento)
- d. Em caso positivo, daqui a quanto tempo você imagina que isso poderia ocorrer?
- e. Por que esse tempo?

A análise dos dados mostrou que:

- a. as moças têm atitudes significativamente mais favoráveis a relações afetivas estáveis do que os rapazes;
- b. as pessoas que namoram têm atitudes significativamente mais favoráveis a RAE do que as que não namoram;
- c. as pessoas já casadas têm atitudes mais favoráveis a RAE do que as que não são casadas, mas pretendem casar-se, as quais, por sua vez, apresentam atitudes mais favoráveis do que as que não pretendem se casar; a linearidade desta função é significativa.
- d. as moças pretendem casar-se mais cedo do que os rapazes; a diferença é significativa.

Como, de acordo com a expectativa teórica, as mulheres, as pessoas que namoram e as pessoas que já possuem ou pretendem estabelecer uma relação afetiva duradoura deveriam apresentar atitudes mais favoráveis a RAEs do que, respectivamente, os homens, as pessoas que não namoram e as que não pretendem se casar, julga-se aceitável a indicação de validade da escala.

#### A Versão Definitiva

As análises psicométricas dos dados obtidos com a versão modificada confirmaram as análises feitas anteriormente. Os itens cuja correlação item/total havia sido mais baixa também revelaram correlações relativamente baixas. O coeficiente alpha foi de 0,92. No que tange à validação de construto, os dados ratificaram as constatações feitas com a amostra de 111 pessoas. Vale mencionar ainda que, submetida a uma análise fatorial do tipo componentes principais, dois fatores se destacaram, ambos altamente relacionados entre si: amor romântico e amizade<sup>3</sup>. A escala com este formato foi considerada definitiva para o estudo de Bystronski (1991), aludido no início deste artigo.

#### Dados da Escala Definitiva

Os dados obtidos com estudantes universitários brasileiros foram analisados para verificação da consistência interna da escala, e as correlações item/total variaram de 0,23 a 0,65. O coeficiente alpha de Cronbach foi de 0,91.

Os dados psicométricos encontrados com a amostra de estudantes americanos foram igualmente bons. As correlações item/total variaram de 0,13 a 0,63, e o coeficiente alpha de Cronbach foi de 0,89.

Uma nova verificação da validade da escala foi então levada a efeito com a amostra americana. Desta vez, foi testada a validade simultânea (concurrent validity) da Escala RAE correlacionando-se esta escala com a Love Attitudes Scale, desenvolvida por Hendrick e Hendrick (1986). Os valores obtidos são apresentadas na Tabela 1.

Como se vê, tal como esperado teoricamente, a Escala RAE correlacionou-se negativamente com a Sub-escala LUDUS (-0,43;  $p < 0,001$ ) e positivamente com as demais.

3 O leitor interessado poderá obter detalhes sobre a análise fatorial, inclusive as cargas fatoriais obtidas, solicitando diretamente à autora.

Tabela 1 - Coeficientes Pearson de correlação entre a Escala RAE e cada uma das seis sub-escalas da Love Attitudes Scale (N=167)

Escalas	r	p
RAE Vs. EROS	0,33	< 0,001
RAE Vs. MANIA	0,24	< 0,01
RAE Vs. STORGE	0,02	< n.s.
RAE Vs. LUDUS	-0,43	< 0,001
RAE Vs. PRAGMA	0,28	< 0,001
RAE Vs. AGAPE	0,29	< 0,001

### Discussão

Face aos resultados obtidos com a Escala RAE em duas culturas, julgamos que a mesma está em condições de ser utilizada. Os dados psicométricos de fidedignidade e de validade foram obtidos com diferentes amostras. Já na versão inicial os índices psicométricos foram encorajadores, tanto no que diz respeito às correlações item/total da escala, quanto no que concerne ao coeficiente alpha.

Esta escala poderá ser bastante útil em pesquisas sobre relacionamentos íntimos, um campo da psicologia que vem merecendo atenção crescente nesta última década. Já é passado o tempo em que fenômenos como o amor, a atração e a paixão constituíam domínio de especulação exclusivo de poetas, compositores e filósofos. E realmente não podia ser diferente. Se pensarmos na diversidade de formas de relacionamentos entre as pessoas que as recentes transformações sociais engendradas pelo movimento de liberação dos costumes legitimaram, logo constatamos que vivemos uma realidade virtualmente desconhecida por nós, inédita. Resulta natural então que, juntamente com a satisfação pela conquista do que pode ser encarado como independência, crescimento e movimento em direção a uma vida mais livre e melhor, observemos também no cotidiano dos encontros e desencontros vividos pelos indivíduos muitas ansiedades, dúvidas, equívocos, tensões e conflitos. No lugar das certezas e consolos oferecidos pelos imperativos sociais que vigiam na cultura tradicional como guias mais ou menos eficazes das interações entre homens e mulheres só logramos colocar, até

hoje, algumas idéias ainda bastante soltas, vagas e indefinidas. O problema é que temos maior liberdade, e é precisamente isso que implica em maior esforço para que a coordenação das interações seja bem-sucedida. A pesquisa científica, como caixa acústica dos questionamentos humanos que é, não poderia ficar indiferente a esta realidade. Com efeito, ela se volta na atualidade para dissecar os fenômenos psicossociais implicados com o estabelecimento, o desenvolvimento e o término de relacionamentos íntimos entre seres humanos, muitos deles até recentemente tacitamente assentidos como temas "não-científicos". Parece-nos importante, então, que nos habilitemos a somar esforços nesta caminhada. Uma das formas de atingirmos este objetivo é construir instrumentos de pesquisa que facilitem e legitimem nossa contribuição a estes esforços que, ao iluminarem com conhecimento científico terrenos antes obscuros e impassíveis de controle e/ou predição, premiam acima de tudo aqueles que estão, por assim dizer, na linha de frente da psicologia. Ou seja, confrontam-se diariamente com os percalços e sofrimentos daqueles que os procuram na expectativa do melhor uso dos avanços teóricos que já nos foi facultado alcançar. A Escala RAE foi concebida também sob a égide desta filosofia.

### Referências

- Bystronski, B. (1991). A liberação dos costumes e suas conseqüências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Lee, J.A. (1973). *Colors of love*. Toronto: New Press.
- Lee, J.A. (1974). The styles of loving. *Psychology Today*, October, 43-51.
- Lee, J.A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 173-182.
- Lee, J.A. (1988). Love-styles. Em R.J. Sternberg & M.L. Barnes (Orgs.), *The psychology of love*. New Haven: Yale University Press.

## Anexo

## Instruções

A finalidade deste estudo é verificar como você valoriza alguns aspectos envolvidos numa relação afetiva com uma pessoa do sexo oposto. Para isso, solicitamos que você marque, numa escala de 1 a 5, até que ponto você dispensa ou não a presença destes aspectos. Para fazer sua decisão, é importante que você tenha em mente a sua relação atual, ou - no caso de não possuir uma relação no momento - o tipo de relação que você se sente neste momento predisposto a estabelecer. É com este contexto em mente que você deverá assinalar suas respostas. O que queremos são exatamente as diferenças individuais, segundo o momento de vida e o julgamento de cada um. Assim, nada impede que você venha a considerar indispensável no futuro um aspecto que no momento você dispensa, ou vice-versa. Veja o exemplo:

## AFINIDADE DE GOSTO PARA CINEMA

- 1 - Absolutamente dispensável
- 2 - Dispensável
- 3 - Indiferente
- 4 - Indispensável
- 5 - Absolutamente indispensável

Se você acha que "afinidade de gosto para cinema" é algo absolutamente dispensável para o tipo de relação que você tem ou está disposto a estabelecer atualmente, você vai marcar o no. 1; se você considera isso dispensável, você vai assinalar o no. 2, e assim sucessivamente, até o nº 5, no caso de você considerar o item algo absolutamente indispensável, de acordo com a tabela acima.

No contexto indicado acima, marque de 1 a 5 até que ponto você dispensa ou não:

## 1. Confiança

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 2. Sinceridade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 3. Fidelidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 4. Encontros freqüentes e regulares

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 5. Real envolvimento afetivo, ou vontade de se envolver

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 6. Compreensão mútua

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 7. Aceitação

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 8. Tolerância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 9. Amor

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 10. Planos compartilhados

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 11. Cooperação mútua

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 12. Respeito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 13. Flexibilidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 14. Diálogo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 15. Troca, reciprocidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 16. Coerência entre palavras e atos de parte a parte

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 17. Disposição mútua de enfrentar as dificuldades juntos

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 18. Empenho mútuo em manter a relação

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 19. Intimidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 20. Preocupação igual consigo e com o outro

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 21. Capacidade de lidar com os problemas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 22. Construção compartilhada de algo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 23. Sentimento mútuo de apoio

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 24. Conhecimento das intenções do outro

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 25. Crédito de parte a parte à relação, acreditar nela

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 26. Ausência de egoísmo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 27. Estar juntos em eventos importantes da vida de cada um

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 28. Busca contínua de satisfação do outro

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 29. Sentir a falta na ausência do outro

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

## 30. Externalização freqüente dos sentimentos de parte a parte

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Recebido em 30.07.1992

Primeira decisão editorial em 09.11.1992

Versão final em 04.12.1992

Aceito em 04.12.1992 ■